



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

KAYANE CRISTHINE DE CASTRO OLIVEIRA

**OS MORTOS E O CHORO: SABEDORIA ANCESTRAL COMO PROCESSO DE
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS KRAHÔ**

Araguaína / TO

2024

KAYANE CRISTHINE DE CASTRO OLIVEIRA

**OS MORTOS E O CHORO: SABEDORIA ANCESTRAL COMO PROCESSO DE
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS KRAHÔ**

O artigo foi avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de Licenciatura em Letras e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Francisco Edviges Albuquerque.

Araguaína / TO

2024



Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C933o Cristhine de Castro Oliveira, Kayane.

OS MORTOS E O CHORO: SABEDORIA ANCESTRAL COMO
PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS KRAHÔ / Kayane
Cristhine de Castro Oliveira. - Centro de Ciências Integradas - CCI,
TO, 2024.

18 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Letras - Português) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientador: Francisco Edviges Albuquerque.

1. Mortos. 2. Choro. 3. Sabedoria ancestral.

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

KAYANE CRISTHINE DE CASTRO OLIVEIRA

**OS MORTOS E O CHORO: SABEDORIA ANCESTRAL COMO PROCESSO DE
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS KRAHÔ**

A monografia foi avaliada e apresentada à UFNT –
Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína, Curso de Letras para
obtenção do título de licenciatura em Letras e aprovada
em sua forma final pela Orientadora e pela Banca
Examinadora.

Data da Aprovação: 25 de novembro de 2024.

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
FRANCISCO EDVIGES ALBUQUERQUE
Data: 09/12/2024 13:29:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque - UFNT



Documento assinado digitalmente
ROBERGSON ANDRADE DUARTE
Data: 09/12/2024 14:08:12-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. Robbergson Andrade Duarte – PPGLLIT-



Documento assinado digitalmente
DANIELLE MASTELARI LEVORATO
Data: 09/12/2024 14:42:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Ma. Danielle Mastelari Levorato - UFNT
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido viável sem o suporte e empenho de inúmeras pessoas, às quais sou profundamente agradecida.

Em primeiro lugar, sou grata a Deus pela força e sabedoria que me foram concedidas ao longo desta trajetória acadêmica.

Aos meus pais, Marianalva Santos de Oliveira Ribeiro e Iramar de Castro Ribeiro, por sempre acreditarem em mim, por sua paciência, amor incondicional e apoio em todos os momentos. Vocês são minha maior fonte de inspiração.

Ao meu orientador Francisco Edviges Albuquerque, por sua orientação precisa, paciência e disponibilidade em compartilhar conhecimento. Sua dedicação foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas de curso, em especial Emilly Teixeira, Juliana Vieira e Bárbara Fernandes que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis e celebraram as conquistas comigo. Nosso companheirismo foi fundamental para a realização deste trabalho. Não poderia deixar de mencionar o meu amigo Valdson Júnior por toda atenção e apoio prestados em cada momento.

RESUMO

O presente artigo investiga os rituais fúnebres da comunidade Krahô, enfatizando o "choro das mulheres" como uma expressão cultural significativa que contribui para a coesão social e a preservação da identidade étnica. A pesquisa é fundamentada na análise das fases do ritual de passagem, conforme descritas por Victor Turner, que incluem separação, eliminação e reintegração. A fase de separação marca o afastamento do indivíduo falecido, enquanto a fase liminal representa um estado de ambiguidade e transformação, onde os papéis sociais são suspensos. Por fim, a reintegração simboliza o retorno à comunidade, agora com um novo entendimento sobre a vida e a morte. Através de uma abordagem bibliográfica, o estudo utiliza obras de autores que exploram rituais indígenas, buscando compreender a importância do luto e do choro nas diferentes etapas da vida da comunidade Krahô. Além disso, o artigo propõe a criação de material didático que possa auxiliar na educação das crianças Krahô, promovendo a valorização de suas tradições e saberes ancestrais. Assim, a pesquisa não apenas documenta práticas funerárias, mas também destaca seu papel educativo e formativo na transmissão de valores culturais entre as gerações.

Palavras-chave: Mortos; choro; sabedoria ancestral; educação das crianças krahô.

ABSTRACT

The present article investigates the funeral rituals of the Krahô community, emphasizing the "women's lament" as a significant cultural expression that contributes to social cohesion and the preservation of ethnic identity. The research is grounded in the analysis of the phases of the rite of passage, as described by Victor Turner, which include separation, liminality, and reintegration. The separation phase marks the distancing from the deceased individual, while the liminal phase represents a state of ambiguity and transformation, where social roles are suspended. Finally, reintegration symbolizes the return to the community, now with a new understanding of life and death. Through a bibliographic approach, the study utilizes works by authors who explore indigenous rituals, seeking to understand the importance of mourning and lamentation in the different stages of life within the Krahô community. Additionally, the article proposes creating educational materials that can assist in educating Krahô children, promoting the appreciation of their traditions and ancestral knowledge. Thus, the research not only documents funeral practices but also highlights their educational and formative role in transmitting cultural values across generations.

Keywords: Dead; crying; ancestral wisdom; education of krahô children.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Fundamentação Teórica	9
3. Metodologia.....	15
4. Reflexões Finais	17
5. Referências	18

1 – INTRODUÇÃO

Os rituais fúnebres desempenham um papel fundamental na organização social e cultural de diversas sociedades, refletindo os valores e crenças de cada grupo. Entre os povos indígenas, esses rituais não apenas marcam a separação entre vivos e mortos, mas também funcionam como processos de integração social e manutenção de tradições. Este estudo se concentra nos rituais de luto dos Krahô, tendo como objeto de estudo, ênfase no “choro das mulheres” durante cerimônias fúnebres, investigando como essas práticas se inserem e influenciam a estrutura social e cultural da comunidade.

Para embasamento nossa análise teoria, recorreremos aos estudos de autores como Cunha (1978), Melatti (1978), Victor Turner (1974), Silva (2005), Rodrigues (1983), Meneses e Gomes (2011), Castro (2008), Santos (2009), Nimuendajú (1956) e Beltrão et al. (2015). Essas obras exploram a complexidade dos rituais de morte e suas implicações culturais, destacando a morte como parte de um processo maior de interação social, comunicação simbólica e perpetuação de valores culturais. Segundo Turner (1974), os rituais de passagem envolvem etapas de separação, margem (liminar) e reintegração, momentos em que o indivíduo transita entre diferentes estados sociais e identitários. A partir dessas ideias, os autores Victor Turner, Cunha, Melatti, e outros, auxiliam na identificação dos elementos simbólicos, sociais e culturais que estruturam esses rituais, destacando o significado do choro e das práticas de luto, e como elas contribuem para a manutenção das identidades, vínculos e a continuidade cultural dos Krahô.

Os rituais funerários Krahô são entendidos como momentos de transição e recomposição social, onde os mortos são inseridos em um novo contexto espiritual e os vivos se reorientam socialmente. Silva (2005) destaca que esses rituais não são apenas despedidas, mas também momentos de reafirmação da identidade comunitária, onde os valores e normas da sociedade são transmitidos e reforçados. Castro (2008) argumenta que os cemitérios e locais de inumação perpetuam a memória, proporcionando um elo contínuo entre vivos e mortos, enquanto Rodrigues (1983) afirma que a consciência da morte molda as práticas sociais e culturais.

Entre os Krahô, o choro das mulheres durante os funerais é um aspecto central que expressa o luto e reafirma a identidade coletiva. Melatti (1978) detalha a complexidade desses rituais, ressaltando o dinamismo e a integração dessas práticas culturais. A análise dos rituais fúnebres, especialmente o choro das mulheres, revela como essas manifestações reforçam as

conexões sociais e espirituais dentro da comunidade, contribuindo para a coesão e continuidade do grupo.

O objetivo geral deste trabalho é compreender e analisar os rituais fúnebres e o papel do luto entre os Krahô, com foco nas manifestações de choro das mulheres durante os rituais de morte, abrangendo diferentes fases da vida – crianças, jovens, adultos, e sábios. Articulados a essa ideia central, os objetivos específicos pretendem i) analisar os rituais de choro e funerários das mulheres Krahô; ii) levantar e documentar as práticas e significados dos rituais funerários Krahô para crianças, jovens e idosos; iii) colaborar na criação e organização de material didático para professores e alunos Krahô, incorporando aspectos das práticas funerárias e rituais de choro.

Além disso, analisamos as variações e a importância dessas práticas dentro do contexto mais amplo dos rituais de passagem, bem como as transformações e adaptações dos Krahô em relação ao enfrentamento da morte e a preservação de suas tradições.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica que dá sustentação a nosso trabalho está voltada para os autores que realizaram pesquisas sobre os rituais indígenas, mais especificamente, voltados para o Choro e os mortos. Para isso, buscamos então, compreender e analisar como se dá o choro das mulheres Krahô nos rituais fúnebres, quer seja de criança, jovens, adultos ou velhas e velhos sábios. Para tanto, apoiamo-nos nos seguintes autores: Cunha (1978), Melatti (1978), (Victor Turner (1974), Silva (2005), Rodrigues (1986), Meneses; Gomes (2011), Castro, (2008) Santos (2009), Nimuendajú (1956) e Beltrão (*et al.* 2015)

Dessa forma a leitura de Victor Turner (1974) é obrigatória. Para ele rituais de passagem seriam todos “os ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade”. Tais rituais de “transição” apresentariam três fases: 1) separação ou ruptura – fase inicial, compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo ou do grupo; 2) margem ou liminar – durante esse período o estado do indivíduo é ambíguo, um espaço de trânsito, ocorrendo a suspensão de papéis; 3) agregação ou reintegração – o indivíduo volta a estar na condição estável, com direitos e deveres definidos. Van Gennep foi referência para Turner, que desenvolveu um novo modelo de estudo dos rituais de passagem, composto por quatro fases: 1) separação ou ruptura – quebra de algum relacionamento considerado crucial por parte do grupo social 2) crise e intensificação da crise – aponta para a fragmentação do grupo 3) ação remediadora – consiste na tentativa de

reconciliação ou ajustes entre os grupos envolvidos e 4) reintegração, desfecho final, que pode ser trágico, levando à total divisão social.

Dessa forma, segundo a teoria de Turner a sociedade está dividida em dois momentos: a estrutura (realidade cotidiana, modelo básico de sociedade) e a "antiestrutura" (momentos extraordinários). A estrutura institui a "antiestrutura". A sociedade na tentativa de lidar com suas crises estabelece as "communitas", período liminar, no qual as pessoas e até mesmos grupos representam, simbolicamente, papéis que correspondem a uma posição invertida em relação ao status que habitualmente possuem, é o momento no qual se situam.

Segundo Silva (2005), posteriormente a "antiestrutura" tende a contribuir para a revitalização da própria estrutura social. Nesse contexto, as cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação destes últimos a seu destino no "Além". Os rituais funerários são mais elaborados e adquirem significados expressivos em sociedades onde a morte é vista como momento de transição, onde o morto é agregado ao mundo dos mortos.

Para Rodrigues (1983), a consciência da morte está ligada à domesticação, à vida em sociedade humanamente organizada. O homem tem consciência de que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. A consciência da morte é uma marca da humanidade, um produto das relações sociais. As imagens que os cristãos se fizeram da morte, da vida e da imortalidade variaram no tempo.

A partir do enterro, segundo Meneses; Gomes (2011) outras preocupações surgem objetivando o encaminhamento de vivos e mortos, e se forem cumpridos devidamente, aqueles que ficam têm o entendimento de que o defunto alcançará um horizonte de proteção e os sobreviventes estarão aptos para a reintrodução em sociedade. O ritual fúnebre apresenta-se como "personagem" indispensável na dinâmica da morte, sua história secular rica em detalhes e significados é determinante no fechamento do ciclo que se inicia, com um exame positivo, uma tomografia ou uma consulta médica. Transcorrendo de acordo com as regras das sociedades onde estão inseridos, "os rituais em torno da morte, assim como quaisquer outros rituais – de união conjugal, fertilidade e reprodução, nascimento, entrada na idade adulta, de guerra, entre outros –, refletem os valores e as crenças compartilhadas por grupo, cultura ou sociedade".

Partindo desses pressupostos, os vínculos entre os Krahô são solidificados por meio de ações que se repetem sucessivamente dando identidade e sentido de pertencimento aos seus membros que assim, entendem a repetição como necessária e indispensável para a continuidade. Os rituais para sentir a morte e o luto são orientados, preparados, experiência

dos pelos vivos que compreendem a execução do mesmo em um acordo entre os que partiram e os que ficaram. A partir da preparação e produção dos rituais, os vivos se comprometem com os mortos e com a comunidade sobrevivente na expectativa de que no futuro, quando estiverem do outro lado, também recebam a honraria.

Para Castro (2008), o reduto de memórias que podem ser acionadas a partir de epitáfios, de fotos, da arte tumular ou de símbolos religiosos, o cemitério pode ser tanto o ambiente de reflexão e saudade como palco de dor e desespero. Sensibilidades são acionadas a partir do momento em que o local surge nas lembranças, quando é avistado mesmo que de longe, quando seus muros são ultrapassados, após cada passo que se dá em seu interior. Representação do fim, o local de inumação interfere no cotidiano em que está inserido, sinaliza incansavelmente a todos que a finitude é inevitável, e que ele “é o símbolo da impossibilidade de combater a morte”.

Entre os povos indígenas a morte também é ritualizada e necessita da atenção e participação dos membros do grupo. Para os Krahô não existe vida sem morte e o funeral é o mais longo, celebrado e significativo de todos os rituais realizados. Durante os longos três meses pelos quais se estendem todo o ritual funerário – tempo entre a morte e o enterro dos ossos – os jovens são familiarizados com os valores que regem a sociedade, são lembrados das regras de reciprocidade e iniciados efetivamente na vida adulta.

Para isso, o cemitério Krahô secularizado torna-se o local privilegiado para enaltecer a memória e as lembranças dos que partiram. Oferecendo a individualidade que as sociedades modernas buscavam, era organizado da mesma maneira que a sociedade dos vivos, ou seja, oferecia diferentes oportunidades para diferentes públicos: espaços privilegiados para as famílias dispostas a pagar pelo prestígio e espaços modernos para a população indígena Krahô.

Assim, de acordo com Cunha (1978), um krahô denomina *ratek* (onde o prefixo *re* indica estado) quando cessa a respiração. Respirar é por excelência o ato vital. O vento (*khwôk*) invade a garganta, chega ao coração (*itotok*) e toma a sair: este sopro vital é comandado pelo coração, que controla também todos os movimentos, os sentidos e o pensamento. A vida humana é assim conceptualmente ligada à respiração e, por além desta, ao coração que a determina. Para a autora (1978):

Habita o corpo, embora se ausente nos sonhos e nas doenças; sobrevive ao homem, e é ele quem vai se estabelecer entre os mortos e lá levar uma existência insípida e diminuída. Talvez por isto *karô* conte entre outros sentidos o de "morto", que lhe é o mais usual quando usado na forma coletiva (*mekarô*), um pouco como nós usamos os termos "espíritos" ou "almas" como sentido implícito de "espíritos ou almas de defuntos". O

significado de *karõ*, no entanto, parece ser bem mais amplo: o termo abrange entre seus *denota* a fotografia, o reflexo, toda "imagem do corpo". Mas não só: o *karõ* pode assumir, mesmo enquanto ligado a um corpo hospedeiro, aparência diferente desse corpo que ele habita: foi-nos descrito, certa vez em que se nos contava a reinserção de um *karõ* vagabundo, como um objeto branco, do tamanho de um dedo, parecido com um pequeno (Cunha. P. 10, 1978).

Ainda segundo Cunha (1987), a cessação do sopro, se é o início de uma possível mudança de estado, não basta, no entanto, por si só para consumir a morte: esta não é uma passagem brusca de estado, mas um processo, é um processo singularmente reversível, pelo menos até ao momento da instalação do *karõ* na aldeia dos mortos que marca o ponto de não retorno.

Melatti (1978) descreveu em torno de quarenta rituais Krahô, e ao fazer isso já levantava a questão da dificuldade em classificá-los de modo explícito, e com precisão, pois os próprios indígenas Krahô não apresentavam as ações necessárias para que o ato fosse considerado um ritual. Para esse autor, o principal objetivo do seu trabalho era identificar os significados dos ritos Krahô tentando isolar os sentimentos as ideias que seus ritos expressam e relacioná-los aos restantes dos elementos componentes do sistema sociocultural Krahô, pois, geralmente o sentido de um ritual não é consciente para aqueles que o executam, não sendo possível atingir os significados dos rituais simplesmente fazendo perguntas aos indígenas sobre o sentido de suas ações como: por que o *patrè* resmunga uma determinada cantiga diante das toras quando vai verificar o prepúcio dos meninos no ritual de Játjõ pñn? Não temos a resposta, entretanto, segundo Melatti, ao compararmos a mesma ação efetivada em situações diferentes torna-se possível verificar um significado para essa ação.

Ao fazer esse estudo, Melatti (1978) confirmou que, em certas situações, os atos eram padronizados apresentando características comuns, isso propiciou a ele a classificação dos rituais Krahô, que permanece até o momento atual. Para essa pesquisa, os rituais já se encontram determinados pela cultura Krahô, nossas atividades se concentraram nos registros desses rituais na língua escrita Krahô, com sua versão em língua portuguesa e, em seguida, da interpretação dos atos que constituem os rituais elencados. Destaca-se que é preciso considerar todo arranjo desses elementos dentro das narrativas como um todo e não elementos fragmentados.

Compreender o ritual Krahô como parte de um processo interacional ou comunicativo, Malatti (1978), afirma que constitui essencialmente que a narrativa deve ser avaliada como um tipo de atividade, considerada em seu contexto mais amplo, observando todas as possíveis variáveis proeminentes ao processo. Nesse sentido, necessitamos conhecer quais os elementos

colaboram com esse narrar e como essa relação é construída. Além de sabermos quais os seus propósitos comunicativos, quais processos verbais são adotados, como é manifestado, em que situação a narrativa é construída, enfim, como ele se estabelece enquanto ritual.

Portanto, para o Povo Krahô, rituais e cemitérios construíram uma história de cumplicidade que atendia as necessidades de vivências compartilhadas entre membros da mesma comunidade, entretanto, atualmente esta relação se encontra momentaneamente suspensa. As interrupções de rituais ligados à morte e suas possíveis implicações são o objeto da reflexão que são sempre tomadas por decisões de toda a comunidade Krahô.

Já para Beltrão (*et al*, 2015), a morte de um membro de uma comunidade corresponde a um fenômeno de disrupção do cotidiano desse grupo, que gera sentimentos de perda e pesar nos indivíduos mais ou menos próximos ao falecido. É como uma forma de lidar com a disrupção ocorrida, com os sentimentos gerados pela perda de alguém próximo e com esse processo de corrupção e decomposição do corpo que podemos entender as diversas práticas funerárias aplicadas por grupos humanos por todo o mundo. E é também por isso que, por mais variadas que sejam as práticas de tratamento dos mortos, a sua existência é também um fenômeno universal à humanidade.

Portanto, é importante frisar que os rituais de morte variam de povos para povos, seguindo seus aspectos culturais, visto que, segundo, Beltrão (*et al*. 2015), em relação às diferentes meios de enterramento são praticados, a depender da maneira como a criança foi concebida e da situação das relações conjugais dos pais. No casamento celebrado entre os Tenetehara, o homem, ao casar com mulher que tem filhos, deve cuidar das crianças como sendo suas. Por outro lado, se o rapaz casa com uma mulher anteriormente grávida, a criança, ao nascer, é enterrada debaixo da rede. O mesmo destino pode ser aplicado aos filhos da mulher sem marido: caso a mãe queira criar o filho, não há obstáculos sociais que a impeçam, mas, se não quer, principalmente por não ter a figura masculina responsável pela obtenção de alimentos, enterra a criança debaixo da rede, embrulhada em panos velhos.

Para os Krahô, quando a criança morreu logo após o parto, ou quando nasce morta, é enterrada atrás de casa. Se morrerem mãe e filho durante o parto, a mãe é enterrada no cemitério, mas a criança é atrás da casa. Quando apenas a mulher morre no parto, a criança será criada pela avó ou parente mais próximo. Já quando morre um homem Krahô, a herança é deixada para esposa e os filhos. Porém todos os objetos pertencentes ao morto, tais como roupa, esteira, rede, prato, colheres, cabaças, copo de beber água, ou seja, tudo que pertencia ao morto é levado para o cemitério e deixado sobre o túmulo.

Para Cunha(1987), como entre os Canela e os Apinayé, se o morto morreu com fome, após ter passado por vários dias de agonia, sem comer, seu *karõ* há de vir pedir por intermédio de um curador, uma última refeição. Poderá, nesta ocasião, encomendar o cardápio de sua preferência: berubu (23) de macaxeira, peixe, paca, veado, arroz, sem esquecer o fumo tão apreciado. Ou então o próprio curador irá propor ao *karõ* uma refeição tentadora. O preparo desta refeição póstuma compete à casa do luto que será normalmente a das consanguíneas. Novamente torna-se relevante, no caso de um homem, o estágio no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico e a proximidade dos consanguíneos de que ainda o morto dispunha. Se sua viúva ainda estiver de luto na casa dos seus afins, ela participará do preparo da refeição. Consanguíneas de outras casas poderão ajudar, fornecendo carne.

Já para os Apinayé, assim como os Krahô, Beltrão (et al, 2015) afirma que o traço marcante do rito funerário Apinayé são as longas lamentações. O pranto é coletivo e realizado em casa, os familiares choram em volta do morto e as pessoas que mantêm entre si relações sociais tomam parte nos lamentos, mesmo que não haja parentesco sanguíneo com o defunto. A lamentação fúnebre inicia logo após a morte e, às vezes, até antes, quando a pessoa encontra-se extremamente debilitada, pois os Apinayé acreditam que os espíritos se reúnem em volta daquele que está prestes a morrer e oferecem comidas para que morra mais rápido. Beltrão (et al, 2015) afirma que:

aos membros remanescentes do grupo cabe o dever de enfeitar o cadáver e enterrá-lo; em contrapartida, são considerados os principais herdeiros do morto, recebendo a maior parte da herança. Apenas o remanescente dos bens passaria para os filhos do morto. No ritual funerário, parte dos objetos é enterrada juntamente com o cadáver e as armas, os enfeites e os utensílios de casa são herdados pelas pessoas que estavam em relação de *kram-kramgêd* com o morto. Pelo exposto, conclui-se que tanto o direito de herança quanto o cuidado com os mortos dos Apinayé são influenciados pelas relações grupais, (Beltrão (et al, 2015).

Ainda segundo Beltrão (et al, 2015), o corpo do morto é lavado no terreiro e enfeitado com tinta de urucu/urucum e látex com pó de carvão. Os defuntos masculinos são, às vezes, também enfeitados com lã de pati. O corpo da pessoa morta é posicionado com a cabeça para o nascente e estendido sobre esteira no chão. Os cabelos são cortados e os enfeites são colocados a título de ornamentação. Os lamentos continuam durante algum tempo diante do cadáver ornamentado. Depois é carregado para o terreiro por meio da esteira, a qual é dobrada por cima do defunto e amarrada com duas alças de corda, em uma vara de madeira. Duas pessoas tomam as pontas do suporte de madeira nos ombros e seguem para o cemitério.

Para os Krahô assim, como os Apinayé, a sepultura é cavada há quase dois metros de profundidade. Quatro homens depositam o cadáver involucrado pela esteira, usando alças de corda. A cabeça fica para o lado da nascente. Os enfeites que o morto não leva no corpo são

agora colocados ao lado do corpo, de comprido: o arco e as flechas, ou, em se tratando de mulher, o cestinho de miudezas e o fuso. Por cima do corpo estende-se outra esteira e folhas de palmeira. Fecha-se a cova por meio de travessas cobertas de esteiras e folhas e depois se coloca a terra anteriormente escavada, de maneira que o cadáver não fique em contato com a terra.

Nimuendajú (1956) relata o caso de duas mulheres que se atiraram, de certa altura, ao solo, em salto-mortal, encontrando o barro duro do terreiro, de tal maneira que aparentavam terem quebrado, pelo menos, alguns ossos, o que não ocorreu. Mas há o caso da mãe que, ao carregar o corpo do filho morto, precipitou-se de cabeça para baixo do jirau, quebrando a nuca e morrendo. O salto-mortal das mulheres enlutadas é chamado *amny-i-mõ'tí*. Os homens não vão tão longe nas manifestações de luto, mas estão sempre preparados para interferir.

Os relatos aqui expostos permitem, apesar das lacunas de informação pertinentes, apresentar aspectos culturais das práticas funerárias do Povo Krahô. As descrições permitem identificar os lugares de sepultamento, o uso do território, as circunstâncias culturais e ancestrais de uso, as mudanças ocorridas e, sobretudo, se aperceber da humanidade dos povos indígenas por meio do cuidado com os mortos e a morte, procurando manter o equilíbrio das relações socioculturais na aldeia e para além dela.

3. METODOLOGIA

Para resultados positivos em nosso propósito de contribuir com ações educacionais que permitam a afirmação, manutenção da cultura e da língua materna do povo Krahô, propomos uma pesquisa bibliográfica permeada pela etnografia, para levantamento de lexemas de língua materna, inclusive de vocábulos que caíram em desuso, para que possam ser reinseridas no vocabulário, buscando o uso do texto como material empírico partindo da noção da construção social das realidades em estudo. A proposta de estudar a língua Krahô vem amparada pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Indígena (INEP, 1994) e o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas que asseguraram a educação bilíngue. Tendo em vista o exposto, nosso trabalho deverá se realizar principalmente por meio da pesquisa bibliográfica para levantamento de vocábulos, comparando e procurando descrever a língua do povo Krahô e, assim, evidenciar a proximidade de léxico e cultura. Propomos uma pesquisa bibliográfica a partir do acervo bibliográfico do Laboratório de Língua Indígena (LALI) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes

constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa bibliográfica recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Na realização da pesquisa bibliográfica, podem ser utilizados: os registros de seminários, congressos, artigos de jornais, fitas de vídeo, publicações científicas e acadêmicas, escritos, dados estatísticos, reprodução de sons e imagens, etc. Para Bravo (1991), devem ser considerados documentos de todo tipo de produção humana, nos quais existam registros de suas ideias, suas ações, opiniões, modelo de vida. Assim, como toda pesquisa bibliográfica, serão percorridas as seguintes etapas de acordo com o esquema de Nuvens (2006):

1. Escolha da área e da língua de trabalho;
2. Coleta da documentação;
3. Estabelecimento dos limites da pesquisa;
4. Recolha dos termos em obras significativas da área estudada, após consultas com especialista;
5. apresentação dos dados. Sobre os corpora de análise que serão utilizados para a construção do material didático Krahô-Português, primeiramente vamos citar cuidadosamente algumas obras utilizadas e descrevê-las brevemente com o objetivo de conferir as particularidades do acervo adotado para a pesquisa bibliográfica. Todas as obras apresentadas das quais serão coletados os nossos dados, fazem parte do acervo do LALI, de base etnográfica. Desse modo, esse trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica visa analisar documentos e dados coletados a partir de artigos e livros já publicados (publicações impressas convencionalmente em papel e eletronicamente). Nessa etapa do trabalho, no levantamento dos verbetes, levamos em consideração as contribuições linguísticas e relevância do material bibliográfico pesquisado.

6- REFLEXÕES FINAIS

O estudo dos rituais funerários dos Krahô, com destaque para o “choro das mulheres”, demonstra uma visão profunda da importância dessas práticas para a coesão social e a preservação da identidade cultural da comunidade. Esses rituais vão além da mera despedida, constituindo um processo complexo que envolve a transição do falecido para o mundo dos ancestrais e a reintegração dos vivos em suas rotinas cotidianas.

A análise revela que os rituais de luto dos Krahô são estruturados em um ciclo de três fases: separação, eliminação e reintegração. Esses estágios, conforme a teoria de Victor Turner (1974), destacam a passagem do falecido para o mundo dos ancestrais e a reintegração dos vivos na vida cotidiana. O “choro das mulheres” desempenha um papel vital nesse processo, não apenas como uma expressão de dor, mas também como uma reafirmação dos laços sociais e da continuidade cultural. Além de simbolizar a perda, esse ritual reforça a identidade coletiva e as tradições da comunidade.

Os cemitérios e os rituais funerários, que incluem o enterro de objetos pessoais com o corpo, são mais do que simples locais de sepultamento; são espaços de memória e identidade. Essas práticas refletem a crença na continuidade da existência e o respeito pelos mortos, mantendo viva a conexão entre os vivos e os ancestrais.

Portanto, a compreensão dos rituais funerários dos Krahô revela como a morte é integrada à vida social e espiritual da comunidade, evidenciando a importância das práticas culturais na vivência do luto e na perpetuação dos valores comunitários. Esses rituais não são apenas manifestações de dor, mas também momentos de reafirmação da identidade coletiva e da continuidade cultural, refletindo a riqueza e a complexidade das tradições dos Krahô. O estudo ressalta a necessidade de registrar e refletir sobre esses contextos culturais, garantindo que as tradições e conhecimentos dos Krahô sejam valorizados e preservados para as futuras gerações.

Partindo deste pressuposto, podemos afirmar que este trabalho trará uma grande contribuição para as pesquisas que venham a ser desenvolvidas com essa temática, não só para a Educação Escolar Indígena Krahô, mas para os povos indígenas do Tocantins e de outros estados brasileiros.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. (Org). **Gramática Pedagógica da Língua Apinajé**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011. 140 p.

_____. Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais. In: Silva Norma Lúcia da, Vieira, Martha Victor (Org). **Ensino de História e Formação Continuada: Teorias, metodologias e práticas**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2013.

_____. **Projeto de apoio pedagógico à Educação Indígena Apinayé**. Araguaína: UFT/SEDUC/FUNAI/ADR-Araguaína, 2005.

_____. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena**. Niteroi, 2007.255 p. Tesede Doutorado em letras – Universidade Federal Fluminense.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e Yahé Krahô, Renato. (Orgs.) **Gramática Krahô**. Campinas-SP: Pontes, 2016.

Associação Internacional de Linguística-SIL Brasil. **Rikbaktsa – Português | Português – Rikbaktsa Dicionário**. Cuiabá- MT, 2007,100 p.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Proposta de Formação de Professores Indígenas do Estado do Tocantins: projeto de educação indígena para o Tocantins**. Palmas-TO: Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Tocantins. Gerência de Educação Indígena, 1997.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e Os Outros**. São Paulo: Hucitec, 1978

D'ANGELIS, Wilmar da R. **Línguas indígenas precisam de escritores? Como formá-los?** Campinas: CEFIEL - Centro de Formação Continuada do IEL-UNICAMP; Brasília: Ministério da Educação, 2005

LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Mito, Razão, História e Sociedade: Inter-relação nos universos Socioculturais indígenas**. In: LOPES SILVA, Aracy, GRUPIONI, L. D. (ORGs). **A temática Indígena na Escola**. MEC/Mari; UNESCO, 3ª ed, 2001.

MELIÁ, B. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979

MELATTI, Júlio C. **Ritos de Uma Tribo Timbira**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Índios do Brasil**. 7ª Edição. Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

MELATTI, Júlio César. Corrida de toras. Rev. de Atualidade Indígena, Brasília : Funai, n. 1, p. 38-45, 1976.

----- . Craho. In: WILBERT, Johannes (Ed.). Encyclopedia of World Cultures. v. 7. Boston : G.K.Hall & Co., 1994. p. 135-9.

----- . Índios e criadores : a situação dos Krahó na área pastoril do Tocantins. Rio de Janeiro : UFRJ, 1967.

----- . Indivíduo e grupo : à procura de uma classificação dos personagens mítico-rituais Timbiras. Anuário Antropológico, v. 79, p. 99-130, 1981. Originalmente publicado como : À procura de uma classificação dos personagens mítico-rituais Timbiras. Brasília : UnB, 1979. (Série Antropologia)

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna 1986 – **Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo, Loyola.